

EPICURO

Carta sobre a Felicidade

(A M E N E C E U)

Editora
UNESP

'Αναλογιστέσθι δὲ αὖ ἐπιθυμιῶν αἰ
εἶσι φυσικαί, αἰ δὲ κεναί, καὶ τῶν φυσικῶν
μὲν ἀναγκαῖαι, αἰ δὲ φυσικαὶ μόνον, τῶν δὲ
ἀναγκαῶν αἰ μὲν πρός ἐν δαμνίῳ εἶ
ἀναγκαῖαι, αἰ δὲ πρός τὴν τοῦ σώματος
ἀσφάλησιν, αἰ δὲ πρός αὐτοτάξιν / τῶν
ἀπλάτης θεωρία πᾶσιν αἰεστῶν
ἐπισημῶν οἶδεν τὴν τοῦ σώματος
'Αναλογιστέσθι δὲ αὖ ἐπιθυμιῶν αἰ
εἶσι φυσικαί, αἰ δὲ κεναί, καὶ τῶν φυσικῶν
μὲν ἀναγκαῖαι, αἰ δὲ φυσικαὶ μόνον, τῶν δὲ
ἀναγκαῶν αἰ μὲν πρός ἐν δαμνίῳ εἶ
ἀναγκαῖαι, αἰ δὲ πρός τὴν τοῦ σώματος
ἀσφάλησιν, αἰ δὲ πρός αὐτοτάξιν / τῶν
ἀπλάτης θεωρία πᾶσιν αἰεστῶν καὶ οὐκ ἄλλῃ

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Carta sobre a felicidade

(a Menecceu)

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador

Herman Jacobus Cornelis Voorwald

Diretor-Presidente

José Castilho Marques Neto

Editor-Executivo

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Assessor Editorial

Antonio Celso Ferreira

Conselho Editorial Acadêmico

Alberto Tsuyoshi Ikeda

Célia Aparecida Ferreira Tolentino

Eda Maria Góes

Elisabeth Criscuolo Urbinati

Ildeberto Muniz de Almeida

Luiz Gonzaga Marchezan

Nilson Ghirardello

Paulo César Corrêa Borges

Sérgio Vicente Motta

Vicente Pleitez

Editores-Assistentes

Anderson Nobara

Henrique Zanardi Jorge

Pereira Filho

Carta sobre a felicidade (a Meneceu)

Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore

2ª reimpressão



Fundação Editora da UNESP (FEU)

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.editoraunesp.com.br

www.livrariaunesp.com.br

feu@editora.unesp.br

(Texto baseado na edição de G. Arrighetti, *Epicuro. Opere*, Torino, 1973.)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Epicuro

Carta sobre a felicidade: (a Meneceu) / Epicuro; tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

Título original: Lettera sulla felicità. Texto baseado na edição de G. Arrighetti.

289 Kb ; ePUB

ISBN: 978-85-393-0279-6

1. Epicuro – Crítica e interpretação 2. Felicidade 3. Filosofia antiga I. Lorencini, Álvaro. II. Carratore, Enzo Del.

III. Arrighetti, G. IV. Título.

02-2880

CDD-187

Índices para catálogo sistemático:

1. Epicurismo: Filosofia antiga 187
2. Filosofia epicurista: Filosofia antiga 187

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

Introdução

Cronologia de epicuro

Epicuro nasceu em 341 a. C., na ilha grega de Samos, mas sempre ostentou a cidadania ateniense herdada do pai emigrante. Em Samos, ele passou a infância e a juventude iniciando os estudos de filosofia com o acadêmico Pânfilo, filósofo platônico cujas lições seguiu dos 14 aos 18 anos.

Ao atingir essa idade, em 323, Epicuro transfere-se para Atenas, a fim de cumprir os dois anos obrigatórios do treinamento militar destinado aos efebos. Nessa mesma condição, encontra como colega de turma o futuro dramaturgo Menandro, de quem se torna amigo. É em Atenas, capital cultural da Grécia Antiga, que Epicuro irá também encontrar os grandes filósofos ainda em atividade após o desaparecimento de Sócrates e Platão (com exceção de Aristóteles, banido da cidade e refugiado em Cálcis, onde viria a falecer no ano seguinte), desde Teofrasto, o sucessor de Aristóteles no Liceu, até Xenócrates, diretor da Academia, cujos ensinamentos ele certamente seguiu.

Em 322, após a morte de Alexandre Magno, o sucessor deste decide expulsar de Samos todos os colonos atenienses, entre os quais a família inteira de Epicuro. É então que este decide abandonar Atenas para ir juntar-se a seus familiares desterrados em Cólofon, na costa asiática.

Próximo dali, em Teos, Epicuro passa a acompanhar os ensinamentos de Nausífanos, filósofo atomista que o inicia no pensamento de Demócrito, que de início o entusiasma, mas cuja revisão ele já começa a empreender ao fundar sua própria escola em Cólofon.

Entre 311 e 310, tenta fundar outra escola em Mitilene, na lendária ilha de Lesbos, mas é impedido pelos aristotélicos que ali pontificavam. Muda-se então para Lâmpsaco, nos Dardanelos, onde também entra em choque, desta vez com os platônicos, mas consegue, assim mesmo, instalar uma escola. É aqui, e nesta época, que ele conquista seus adeptos mais ilustres, que passarão a acompanhá-lo pelo resto da sua existência: Hermarco, Colotes, Metrodoro, Pítocles e Heródoto (estes dois últimos, por sinal, ao lado de Meneceu, são justamente os destinatários privilegiados das três célebres cartas que costumam ser apontadas como a súmula do pensamento epicurista).

No ano 306, Epicuro regressa finalmente a Atenas, onde adquire uma ampla casa logo acrescida de um grande jardim, para o fim exclusivo de instalar aquela que viria a ser a sua célebre escola ateniense, muito logo conhecida como "O Jardim de Epicuro". Enquanto na casa habitavam os mestres, ou seja, além do próprio Epicuro, também os antigos discípulos, Hermarco e Metrodoro, entre os mais ilustres, no amplo jardim, acampados em barracas e cultivando hortaliças, instalavam-se os novos discípulos vindos das mais distantes regiões. Após a morte de Epicuro, aos 72 anos de idade, em 270 a. C., foi o fiel Hermarco quem o sucedeu na direção da escola.

A doutrina de epicuro

A presente *Carta sobre a felicidade*, para além de sua significação intrínseca, não deixa de ser um documento absolutamente decisivo para desfazer aquele equívoco que uma tradição apressada costuma associar à doutrina epicurista, quase sempre confundida com o gozo imoderado dos prazeres mundanos, como se não se distinguisse do hedonismo puro e simples. Além das explícitas menções em contrário, que o próprio texto da carta não deixa de registrar, são inúmeros os testemunhos fidedignos atestando que, no célebre "Jardim de Epicuro", vicejava uma autêntica comunidade, onde mestre e discípulos viviam de maneira quase ascética, consumindo apenas as hortaliças que eles próprios cultivavam, às quais acrescentavam apenas pão e água, ou ainda queijo em ocasiões especiais. Seja como for, não há dúvida de que a real importância da doutrina epicurista está muito longe de consubstanciar-se em aspectos puramente circunstanciais como esses, que chegam a resvalar para o campo do anedótico. Nesse sentido, a carta que aqui se apresenta não deixa de repor as coisas em seus devidos lugares.

Por outro lado, durante longo tempo e de maneira quase similar, outra tradição não menos equivocada costumava insistir na tese de considerar Epicuro como um simples e superficial imitador de Demócrito, o qual seria, este sim, o filósofo original e profundo, o verdadeiro criador do atomismo. Curiosamente, foi Karl Marx, na sua tese de doutorado sobre *A relação entre a filosofia de Epicuro e a de Demócrito*, quem primeiro procurou desfazer esse equívoco, chegando até a inverter totalmente os papéis tradicionais. Segundo Marx, a teoria atômica de Demócrito, que se distingue primeiramente pela crença universal na lei de causa e efeito, aplica-se indistintamente tanto ao mundo da natureza quanto ao homem. Portanto, Demócrito, do ponto de vista filosófico, pode ser imediatamente considerado determinista ou fatalista. Quanto a Epicuro, se é verdade que aceitava a teoria de Demócrito na parte referente à constituição e ao

comportamento da matéria, por outro lado, repelia veementemente o determinismo e o fatalismo. Mais uma vez, essa rejeição aparece explícita na nossa *Carta sobre a felicidade*, quando se diz que "mais vale aceitar o mito dos deuses, do que ser escravo do destino dos naturalistas". Com efeito, na sua descrição do átomo, Epicuro não deixa de preservar a vontade humana e a liberdade individual, incluindo em seu sistema a sociedade e a consciência moral. Hoje parece não haver dúvida de que esses e outros aspectos tiveram influência decisiva na própria formação do pensamento marxista.

Tal como foi originalmente criado, sem qualquer outra contribuição posterior, o epicurismo sobreviveu por cerca de sete séculos no mundo greco-romano, tendo encontrado em Lucrécio, Sêneca e Cícero seus mais ilustres discípulos tardios.

A carta sobre a felicidade

Ao lado de uma *Carta a Heródoto*, tratando da física atômica, e de uma *Carta a Pítocles*, a propósito dos fenômenos celestes, esta *Carta a Meneceu*, de Epicuro a outro de seus discípulos, é mais conhecida como *Carta sobre a felicidade*, já que versa justamente sobre a conduta humana tendo em vista alcançar a tão almejada "saúde do espírito".

Inicia-se a carta por uma decidida exortação ao exercício da filosofia, considerada desde logo como uma disciplina cuja única meta é justamente tornar feliz o homem que a pratica, de tal modo que este deve cultivá-la durante todo o transcurso de sua existência, desde a mais tenra juventude até a idade mais avançada. Após esse exórdio, o filósofo passa a transmitir para o discípulo aqueles tópicos que considera essenciais para essa busca permanente da felicidade, a começar pela crença na existência dos deuses, considerados entes imortais e bem-aventurados.

No tópico seguinte, aparece a morte, apresentada como o mais aterrador dos males. Torna-se absolutamente necessário vencer esse medo da morte; ninguém deve temê-la, uma vez que não há nenhuma vantagem em viver eternamente: o que importa não é a duração, mas a qualidade da vida.

Desfilam, em seguida, as várias modalidades de desejo, acompanhadas da necessidade imperiosa de controlá-lo, tendo em mira tanto a saúde do corpo quanto a tranquilidade do espírito, o que, por outro lado, não deixa de ser também uma boa definição do próprio prazer, tal como Epicuro o concebe. O prazer,

como bem principal e inato, não é algo que deva ser buscado a todo custo e indiscriminadamente, já que às vezes pode resultar em dor. Do mesmo modo, uma dor nem sempre deve ser evitada, já que pode resultar em prazer.

De qualquer maneira, recomenda-se uma conduta comedida em relação aos prazeres, valendo, para este caso, aquele mesmo princípio da qualidade em detrimento da quantidade.

Finalmente, o homem sábio, para Epicuro, jamais deve acreditar cegamente no destino e na sorte como se estes fossem fatalidades inexoráveis e sem esperança, parecendo despontar aqui aquela sua crença na vontade e na liberdade do homem.

Eis aí, em suma, os pontos essenciais sobre os quais Epicuro exorta Menecceu, garantindo-lhe que a prática correta de tais ensinamentos será capaz não só de levá-lo à mais completa felicidade, mas até mesmo a sentir-se como um deus imortal entre os homens mortais.

Περί της ευδαιμονίας

Ἐπίκουρος Μενουκει χαίρειν.

Μῆτε νεος τις ὦν μελλετω φιλοσοφεῖν, μήτε γερον ὑπάρχων κοπιᾶτω φιλοσοφῶν. ουτε γαρ ἄωρος ουδεις εστιν ουτε πάρωρος προς το κατά ψυχὴν υγιανον. ο δε λεγων ἢ μήπω του φιλοσοφειν ὑπάρχειν ὠράν ἢ πάρεληλυφενάι την ὠράν, ομοιος εστιν τῷ λεγοντι προς ευδάμοιαν ἢ μή πάρεινάι την ὠράν ἢ μηκει εινάι. ωστε φιλοσοφητεον κά νεω κά γεροντι, τῷ μεν οπως γηράσκων νεάζῃ τοις ἀγάφοις διά την χάριν των γεγονότων, τῷ δε οπως νεος ἀμά κά πάλαιος η διά την ἀφοβιάν των μελλοντωνμελετᾶν οὖν χρῆι τὰ ποιούντὰ την ευδάμοιαν, εἴπερ παρουσῆς μεν αὐτῆς πάντα εχομεν, ἀπουσῆς δε πάντα πράττομεν εις το ταυτήν εχειν.]

"Λ δε σοι σύνεχῶς ἀρήγγελλον, τάττὰ κά πράττε κά μελετά, στοιχειά τοῦ κάλῶς ζῆν τάττ' εινάι διάλάμβάνων.

Πρώτον μεν τον Θεον ζῆνον ἀφΦάρτον κά μάκάριον νομιζῶν, ὡς ἡ κοινή τοῦ Θεοῦ νοήσις υπεγράφη, μήΦεν μήτε τῆς ἀφΦάρσιός ἀλλοτριον μήτε τῆς μάκάριοτήτος ἀνοικειον ἀτφ προσάπτεπᾶν δέ το φυλάττειν αὐτοῦ δυνάμενον την μετά αφθαρσία μακαριότητα περι αυτον δοξαζε. Jeοι μεν γαρ εἰσίν εναργης γαρ αυτών εστιν η γνώσις· οἰους δ' αυτους <οι> πολλοί νομιζουσιν, ουκ εισιν ου γαρ φυλαττουσιν αυτους οιους νοουσιν. ασεβης δε ουχ ο τους τῶν πολλῶν Θεους αναρών, ἀλλ' ο τας τῶν πολλῶν δοξας Θεος προσαιπῶν.] ου γαρ προληψεις εισιν ἀλλ υποληψεις ψευδεῖς αι τῶν πολλῶν υπερ Θεῶν αποφασεις. ἘνΦεν αι μεγαιστα βλαβαι [αιτιαι τοις κακοις] εκ Θεῶν επαγονται και ὠφελεια. ταις γαρ ιδιαις οικειουμενοι δια παντος αρεταις τους ομοιους αποδέχονται, πάν το μή τοιούτον ὡς ἀλλότριον νομιζόντες.

Συνέφιζε δέ ἐν τῷ νομιζέιν μῆδέν προς ἡμᾶς εἶναι τον θάνατον ἐπέι πάν αγαΦον και κακον ἐν ἀΐσΦησέν στερήσις δέ ἐστιν ασΦησέως ο θανατος. οΦέν γνώσις ορΦή του μήΦέν εἶναι προς ἡμας τον θανατον απολαυστον ποιεί το τῆς ζώῆς Φνητον, ουκ ἀπέιρον προσπιθέισα χρονον, ἀλλα τον τῆς αφΑνασιας ἀφελομένη ποΦον.] ουΦέν γαρ ἐστιν ἐν τῷ χατέλῆφοτι γνήσιως το μῆδέν υπαρχέιν ἐν τῷ μή ζῆν δέινον. ὡστé ματαιος ο λέγῶν δέδιέναι τον θανατον ουχ οτι λυπήσεί παρών, ἀλλ' οτι λυπεῖ μέλλον. ο γαρ παρόν ουκ ενοχλεί, προσδοκῶμενον κενως λυπεῖ. το φρίκῶδέστατον ουν των κακῶν ο θάνατος ουΦεν προς ἡμας, ἐπειδήπερ οταν μεν ημεῖς, ὡμεν ο θανατος ου παρεστίν, οταν δε ο θάνατος παρη, τοΦ ημεῖς ουκ εσμεν. ουτε ουν προς τους τετελευτηκοτας, ἐπειδήπερ περι ους μεν ουκ εστίν, οἱ δ ουκετι εἰσίν. ἀλλ' οἱ πολλοί τον θανατον οτε μεν ὡς μεγίστον των κακων φεγουσίν, οτε δε ὡς

αναπαυσίν των εν τω ζήν <κακων αίρουνται, ο δε σοφος ούτε παραιτείται το ζήν>|
ούτε φοβείται το μη ζην. ούτε γαρ αύτω προσίσταται το ζην ούτε δοξάζεται κακον
είναι τι το μη ζήν. ούσπερ δε το σπιον ού το πλειστον παντως αλλά το ήδιστον
αιρείται, ούτω και χρόνον ού τον μήκιστον αλλά τον ήδιστον καρπίζεται.

' Ο δε παραγγελλων τον μεν νεον καλως ζήν, τον δε γεροντα καλως καταστρεφειν,
εύφηής εστιν ού μονον δια το τής ζωής ασπαστον, αλλά και δια το τήν αύτήν είναι
μελετήν του καλως ζήν και του καλως αποΦνήσκειν. πολύ δε χείρων και ο λεγων
καλον μη φύναι, φύτα δ 'οπως οοκιστα πύλας Λίδαιω περιήσαι.

ει μεν γαρ πεποιθώς τούτο φήσιν, πώς ούκ απέρχεται εκ του ζήν; εν ετοιμω γαρ αύτω
τούτ ' εστιν, ειπερ ήν βεβούλευμενον αύτω βεβαίως· ει δε μάκόμενος, ματαιος εν τοις
ούκ επιδεχομενοις.

Μνήμονεύτεον δε ως το μελλον ούτε παντός ήμετερον ούτε παντός ούχ ήμετερον,
ινα μήτε παντός προσμενόμεν ως εσομενον μήτε απελπιζόμεν ως παντός ούκ
εσομενον.

' Αναλογιστέον δέ ως τόν επνθυμιών αι μέν είσι φυσικαί, αι δέ κέναί, και τόν
φυσικών αι μέν αναγκαιαι, αι δέ φυσικαι μονον τόν δέ αναγκαιών αι μέν προς
εύδαιμονιαν είσι ν αναγκαιαι, αι δέ προς την του σώματος ασχησιαν, αι δέ προς
αυτο το ζην. | τουτών γαρ απλανής Φέόρια πασαν αιρέσιν και φυγην έπαναγείν οιδέν
έπι την του σώματος υγιείαν και την της ψυχης αταραξιαν, έπει τουτο του μακαριώς
ζην έστι τέλος. τουτου γαρ χαριν παντα πραττομέν, όπως μητέ αλγώμέν μητέ
ταρβώμέν. οταν δέ απαξ τουτο πέρι ημας γένηται, λυέται πας ο της ψυχης χείμιόν,
ουκ έχοντας του ζώου βαδίζειν ως προς ενδεον τι και ζητείν έτερον ώ το τής ψυχής
και τοU σώματος αγαΦον συμπληρώσεται. τοτε γαρ ήδονής χρειαν εχομεν, οταν εκ
του μη παρειναι τήν ήδονήν αλγώμεν <οταν δε μή αλγώμεν> ουκει τής ήδονής
δεομεθα.

Και δια τουτο τήν ήδονήν αρχήν και τέλος λεγομεν είναι του μακαριώς ζήν. | ταυτήν
γαρ αγαΦον πρώτον και συγγενικον εγνώμεν, και απο ταυτής καταρχομεθα πασης
α'ιρσεώς και φυγής, και επι ταυτήν καταντώνμεν ως κανόνι τω παΦει παν αγαΦον
κρινοντες. Και επει πρώτον αγαΦον τουτο και συμφυτον, δια τουτο και ου πωσαν
ήδονήν αιρουμεθα, άλλ ' εστιν ότε πολλάς ήδονάς υπερβάνομεν. Οταν πλειον ημίν
το δυσχερές εκ τούτων επιτά· και πολλάς αλγηδόνας ήδονων κρειττους νομιζόμεν,
επειδάν μειζων ημίν ήδονη παράκολουΦη πολύν χρονον υπομείναισι τας αλγηδόνας.
πάσα ούν ήδονη διά το φύσιν εχει οικειάν αγάΦον, ού πάσα μεντοι ήτρητη·
κάΦάπερ και αλγηδων πάσα κάκον, ού πάσα δε άει φεύκτη περύκιά. | τη μεντοι
σύμμετρησει και σύμφεροντων και άσύμφωρων βλεπει ταύτά πάντα κρινειν κάΦηκει.
χρωμεΦά γάρ τω μεν αγάΦω κατά τινάς χρονούς ως κάκω τω δε κάκω τούμπάλιν ως
αγάΦω.

Και την αυτάρκειαν δέ αγαθόν μέγα νομιζομέν, ουχ' Ινα πάντως τοις ολίγοις χρωμέΦα αλλ' Οπως, εάν μη έχομεν τα πολλά, τοις ολίγοις αρκωμέΦα, πέπέισμένοι γνησίως οτι ηδίστα πολυτέλειας απολαύουσιν οι ήκιστα ταυτης δέομένοι, και οτι το μέν φυσικον παν εύποριστον έστι, το δέ κένον δυσποριστον, οι τέλιτοι χυλοι ισην πολυτέλει διαιτη την ήδονήν έπιφέρουσιν, οταν απας το αλγουν κατ' ένδέιαν έξαιρέ Δη,| και μαζα και υδωρ την ακροτατην αποδιδωσιν ηδονην, έπέιδαν ένδέων τις αυτα προσένέγκηται. το συνεύάζειν ουν έν ταις απλαις και ου πολυτέλει διαιταις και υγείας εστί συμπληρωτικον και πρόσ- τάς αναγκαίαις τοU βίου χρήσεις ασκνον ποιεί τόν άνΦρωπον και τοις πολυτελεισιν εκ διαλειμμάτων προσερχομενοις κρειττον ημας διατιΦησι και προς την τυχην αφοβους παρασκευάζει.

"Οταν ουν λεγομεν ηδονην τελος υπαρχειν, ου τας των ασωτων ηδονας και τας εν απολαυσει κειμενας λεγομεν, ως τινες αγνοουντες και ουχ ομολογουντες η κακος εκδεχομενοι νομιζουσιν, αλλα το μητε αλγειν κατα σωμα μητε ταραττεσΦαι κατα ψυχην. | οU γαρ πότοι και κώμοι συνειροντες ουδ' απολαύσεις παιδών και γυναικών οUd' ΙχΦυ<ών και τών άλλών οσα φερε πολυτελής τράπεζα, τον ηδον γεννά βιον, αλλα νήφών λογισμος και τας αιτιας εξερευνών πασης αιρεσεώς και φυγής και τας δοξας εξελαντών, εξ ών πλειστος τας ψυχας καταλαμβάνει Φορυβος.

Τουτών δε παντών αρχή και το μεγιστον αγαΦον φρονησις. διο και φιλοσοφιας τιμώτερον υπαρχει φρονησις, εξ ης αι λοιπαι πασαι πεφυκασιν αρεται, διδασκουσα ως ουκ εσπιν ήδεώς ζην ανευ του φρονιμώς και καλώς και δικαιώς, <ουδε φρονιμώς και καλώς και δικαιώς> ανευ του ήδεωζ. συμπεφύκασι γαρ αι άρεται τ% ζην ήδεωζ και το ζην ήδεωζ τούτων έστιν αχωριστον.

' Επει τίνα νομίσεις είναι κρείττονα τού και περί Φεών οσια δοξαζοντος και περι Φανατού δια παντος αφόβως εχοντος και το τής φύσεωζ επιλελογισμενου τελος και το μεν των αγαΦων περας ως εστιν εύσύμπλήρωτον τε και εύποριστον διαλαμβανοντος, το δε των κακων ως ή χρονούς ή πονούς εχει βραχεις; τήν δε ύπο τίνων δεσποτιν εισαγομενήν παντων αγγελλοντος... « ων α μεν παρ' αναγκήν εστίν,> α δε απο τύχης, α δε παρ' ήμας, δια το τήν μεν αναγκήν ανυπεύΦυνον είναι, τήν δέ τύχην αστατον όράν, το δέ παρ ημάς άδέσποτον, ω και τό μέμπτόν και τό εναντιόν παρακολουΦείν έφάρκέν.

' Επέί κρείττον ην τω περί Jewn μύΦω κατακολουΦείν ή τή τWv φύσικWv ειμαρμένη δουλέύειν ο μέν γαρ έλπίδα παρατησέως ύπογραφεί Φέον δια τιμής, ή δε απαραιτητον έχει την αναγκην. την δέ τύχην ουτέ Φέον, Wj οί πολλοί νομιζούσιν, ύπολαμβάνωνν, - ουΦέν γαρ ατακτως Φέω πραττέται - ουτέ αβέβαιον αίτιαν, <ούκ> οίεταί μεν γαρ αγαΦον η κακον εκ ταύτης προς το μακαρίως ζην ανJΡWποις δίδοσΦαί, αρχας μέντοι μέγαλων αγαύ« ν η κακWv ύπο ταύτης χορηγείσΦαί. | κρείττον είναι νομίξει εύλογίστως άτυχείν ή άλογίστως εύτυχείν βελτιον γαρ εν ταις πράξεσι το καλωζ κριΦεν <μή ορΦωΦήναι ή το μή καλωζ κριΦεν> ορΦωΦήναι δια

ταυτήν.

Ταυτα ουν και τα τούτοις συγγενή μελετα προς σεαυτον ήμερας και νυκτος <και> προς τον ομοιον σεαυτη, και ουδεποτε ουφ' υπαρ ουτ 'οναρ διαταραχφήση, ζήση δε ως Φεος εν ανθρωποις. ουφεν γαρ εοικε φνήτην ζρηφ ζων ανθρωπος εν αφανατοις αγαφοις.

Carta sobre a felicidade (a Meneceu)

Epicuro envia suas saudações a Meneceu

Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz. Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer por meio da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir; é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la.

Pratica e cultiva então aqueles ensinamentos que sempre te transmiti, na certeza de que eles constituem os elementos fundamentais para uma vida feliz.

Em primeiro lugar, considerando a divindade como um ente imortal e bem-aventurado, como sugere a percepção comum de divindade, não atribuas a ela nada que seja incompatível com a sua imortalidade, nem inadequado à sua bem-aventurança; pensa a respeito dela tudo que for capaz de conservar-lhe felicidade e imortalidade.

Os deuses de fato existem e é evidente o conhecimento que temos deles; já a imagem que deles faz a maioria das pessoas, essa não existe: as pessoas não costumam preservar a noção que têm dos deuses. Ímpio não é quem rejeita os deuses em que a maioria crê, mas sim quem atribui aos deuses os falsos juízos dessa maioria. Com efeito, os juízos do povo a respeito dos deuses não se baseiam em noções inatas, mas em opiniões falsas. Daí a crença de que eles causam os maiores malefícios aos maus e os maiores benefícios aos bons. Irmanados pelas suas próprias virtudes, eles só aceitam a convivência com os

seus semelhantes e consideram estranho tudo que seja diferente deles.

Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade.

Não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver. É tolo, portanto, quem diz ter medo da morte, não porque a chegada desta lhe trará sofrimento, mas porque o aflige a própria espera: aquilo que não nos perturba quando presente não deveria afligir-nos enquanto está sendo esperado.

Então, o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. A morte, portanto, não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui. E, no entanto, a maioria das pessoas ora foge da morte como se fosse o maior dos males, ora a deseja como descanso dos males da vida.

O sábio, porém, nem desdenha viver, nem teme deixar de viver; para ele, viver não é um fardo e não viver não é um mal.

Assim como opta pela comida mais saborosa e não pela mais abundante, do mesmo modo ele colhe os doces frutos de um tempo bem vivido, ainda que breve.

Quem aconselha o jovem a viver bem e o velho a morrer bem não passa de um tolo, não só pelo que a vida tem de agradável para ambos, mas também porque se deve ter exatamente o mesmo cuidado em honestamente viver e em honestamente morrer. Mas pior ainda é aquele que diz: bom seria não ter nascido, *mas, uma vez nascido, transpor o mais depressa possível as portas do Hades.*

Se ele diz isso com plena convicção, por que não se vai desta vida? Pois é livre para fazê-lo, se for esse realmente seu desejo; mas se o disse por brincadeira, foi um frívolo em falar de coisas que brincadeira não admitem.

Nunca devemos nos esquecer de que o futuro não é nem totalmente nosso, nem totalmente não nosso, para não sermos obrigados a esperá-lo como se estivesse por vir com toda a certeza, nem nos desesperarmos como se não estivesse por vir jamais.

Consideremos também que, dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros, ainda, para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo.

Uma vez que tenhamos atingido esse estado, toda a tempestade da alma se aplaca, e o ser vivo, não tendo que ir em busca de algo que lhe falta, nem procurar outra coisa a não ser o bem da alma e do corpo, estará satisfeito. De fato, só sentimos necessidade do prazer quando sofremos pela sua ausência; ao contrário, quando não sofremos, essa necessidade não se faz sentir.

É por essa razão que afirmamos que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. Com efeito, nós o identificamos como o bem primeiro e inerente ao ser humano, em razão dele praticamos toda escolha e toda recusa, e a ele chegamos escolhendo todo bem de acordo com a distinção entre prazer e dor.

Embora o prazer seja nosso bem primeiro e inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer: há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advêm efeitos o mais das vezes desagradáveis; ao passo que consideramos muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advier depois de suportarmos essas dores por muito tempo. Portanto, todo prazer constitui um bem por sua própria natureza; não obstante isso, nem todos são escolhidos; do mesmo modo, toda dor é um mal, mas nem todas devem ser sempre evitadas. Convém, portanto, avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e dos danos. Há ocasiões em que utilizamos um bem como se fosse um mal e, ao contrário, um mal como se fosse um bem.

Consideramos ainda a autossuficiência um grande bem; não que devamos nos satisfazer com pouco, mas para nos contentarmos com esse pouco caso não tenhamos o muito, honestamente convencidos de que desfrutam melhor a abundância os que menos dependem dela; tudo o que é natural é fácil de conseguir; difícil é tudo o que é inútil.

Os alimentos mais simples proporcionam o mesmo prazer que as iguarias mais requintadas, desde que se remova a dor provocada pela falta: pão e água produzem o prazer mais profundo quando ingeridos por quem deles necessita.

Habituar-se às coisas simples, a um modo de vida não luxuoso, portanto, não só é

conveniente para a saúde, como ainda proporciona ao homem os meios para enfrentar corajosamente as adversidades da vida: nos períodos em que conseguimos levar uma existência rica, predispõe o nosso ânimo para melhor aproveitá-la, e nos prepara para enfrentar sem temor as vicissitudes da sorte.

Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram o nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou o interpretam erroneamente, mas ao prazer que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma. Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem a posse de mulheres e rapazes, nem o sabor dos peixes ou das outras iguarias de uma mesa farta que tornam doce uma vida, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos. De todas essas coisas, a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que originaram todas as demais virtudes; é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça, e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade. Porque as virtudes estão intimamente ligadas à felicidade, e a felicidade é inseparável delas.

Na tua opinião, será que pode existir alguém mais feliz do que o sábio, que tem um juízo reverente acerca dos deuses, que se comporta de modo absolutamente indiferente perante a morte, que bem compreende a finalidade da natureza, que discerne que o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter, e que o mal supremo ou dura pouco, ou só nos causa sofrimentos leves? Que nega o destino, apresentado por alguns como o senhor de tudo, já que as coisas acontecem ou por necessidade, ou por acaso, ou por vontade nossa; e que a necessidade é incoercível, o acaso, instável, enquanto nossa vontade é livre, razão pela qual nos acompanham a censura e o louvor?

Mais vale aceitar o mito dos deuses, do que ser escravo do destino dos naturalistas: o mito pelo menos nos oferece a esperança do perdão dos deuses por meio das homenagens que lhes prestamos, ao passo que o destino é uma necessidade inexorável.

Entendendo que a sorte não é uma divindade, como a maioria das pessoas acredita (pois um deus não faz nada ao acaso), nem algo incerto, o sábio não crê que ela proporcione aos homens nenhum bem ou nenhum mal que sejam fundamentais para uma vida feliz, mas, sim, que dela pode surgir o início de grandes bens e de grandes males. A seu ver, é preferível ser desafortunado e sábio, a ser afortunado e tolo; na prática, é melhor que um bom projeto não

chegue a bom termo, do que chegue a ter êxito um projeto mau.

Medita, pois, todas estas coisas e muitas outras a elas congêneres, dia e noite, contigo mesmo e com teus semelhantes, e nunca mais te sentirás perturbado, quer acordado, quer dormindo, mas viverás como um deus entre os homens. Porque não se assemelha absolutamente a um mortal o homem que vive entre bens imortais.